



Nome: _____ Diurno Curso: _____
Matrícula: _____ Período: _____ Prova Branca Sala: _____

1-Segundo a argumentação do livro “Fé em Deus e pé na tábua”, a “Lei Seca”, promulgada em 19 de junho de 2008, “problematizou as concepções locais de *bebida* e de *beber* em relação ao ato de dirigir.” Marque a alternativa que apresenta **CORRETAMENTE** uma dessas problematizações.

- a) O ato de beber sempre esteve associado à comensalidade.
- b) O porre ocorre sempre conosco, nunca com os outros.
- c) Hábitos certos eram considerados inofensivos.
- d) Os desconhecidos bebem sempre, mas não mais do que os conhecidos.
- e) A pessoa que bebe sempre acha que pode perder o controle.

2-”Qualquer legislação está destinada ao fracasso, caso a sociedade que a receba, dela não necessite ou esteja preparada para suas inevitáveis implicações disciplinadoras. Afinal, toda mudança realizada na área da administração pública causa reações. Se for inteligente e capaz de traduzir os anseios e ideais da sociedade, enfrentará resistências locais. A mudança liberta, mas inevitavelmente fecha espaços e diz um desagradável “não pode” a comportamentos antigos, bem estabelecidos e tomados pela população que os pratica como normais, racionais ou naturais. A lei recém-promulgada, quase sempre percebida como uma novidade negativa, promove uma clara consciência dos velhos hábitos.” A partir desta consideração, Roberto Da Matta observa que houve reações da sociedade brasileira quanto a modificações no Código de Trânsito que instituíam:

- a) o semáforo digital e a fiscalização eletrônica.
- b) o cinto de segurança e a “Lei Seca”.
- c) o limite de velocidade em avenidas e as multas pelo seu excesso.
- d) a perda de pontos na carteira de habilitação assim como sua suspensão.
- e) as blitz rodoviárias e o pagamento do IPVA dos veículos.

3-Roberto DaMatta afirma que sua pesquisa pretende ultrapassar os lugares-comuns e pontos já exaustivamente discutidos em relação à educação e melhoria do trânsito. **NÃO** se pode considerar “lugar-comum” na concepção do pesquisador o seguinte aspecto:

- a) forte repressão.
- b) prender a carteira do mau motorista.
- c) a ausência de recursos modernos para gerenciar o tráfego.
- d) o estado precário das ruas.
- e) a eficácia das mudanças legislativas.

4- “Pois ao comportamento que, afinal, constrói o contexto do acidente, pode ser atribuído um mundo de fatores que vão do descuido ao erro; da imprudência à ousadia criminosa; do engano à falta de competência do condutor. E não se pode excluir desse contexto eventuais falhas do veículo, um possível descuido do pedestre e dos outros condutores, a ausência de equipamento destinado ao controle do tráfego e até mesmo um erro de construção da via pela qual se trafega. E ainda há um último fator, que este trabalho tangencia, atentando, até onde sei, para o que nenhum outro ensaio sobre o assunto contempla”. O fator a que o autor se refere é:

- a) a questão da corrupção, das arbitrariedades ou do descaso.

- b) a questão da competição, da disputa, dos rachas.
- c) a questão do infortúnio, da má-sorte, do carma ou do destino.
- d) a questão da fé, da autoconfiança ou do imponderável.
- e) a questão do cansaço, da fadiga, do sono ao volante.

5- “Sair para a rua ainda é, no Brasil, uma ato dramático. Trata-se de passar de uma teia bem urdida de laços sociais onde todos se conhecem para um espaço aberto e, por isso mesmo, igualitário, onde ninguém é de ninguém e só Deus (pois não há normalmente governo) cuida de todos”. Na visão de Roberto DaMatta, a rua é um espaço “perigoso e ambíguo” porque:

- a) Em casa somos ninguém; na rua corremos o risco de sermos alguém.
- b) Em casa somos anônimos; na rua corremos o risco de sermos conhecidos.
- c) Em casa somos cidadãos; na rua corremos o risco de sermos autoridades.
- d) Em casa somos reconhecidos; na rua corremos o risco de sermos cidadãos.
- e) Em casa somos alguém; na rua corremos o risco de sermos ninguém.

6- “O choque e o conflito decorrentes do encontro de expectativas hierárquicas – quem tem um carro mais caro, anda mais bem vestido, fala melhor etc. espera um reconhecimento tácito de sua superioridade – com a imposição da igualdade por meio de sinais obrigatórios e universais (formadores dos elementos constitutivos do universo da rua) estão na base desta guerra ou combate. Esse conflito traduz o que todos os informantes chamam de estresse, desconforto, nervosismo, raiva e impaciência”. Para o autor, a impaciência no trânsito seria um modo de reagir a:

- a) uma prescrição igualitária.
- b) uma multa arbitrária.
- c) um autoritarismo manifesto.
- d) uma imprudência desmedida.
- e) uma barbearagem do motorista.

7- “De fato, quando as pessoas falam do ato de dirigir, enfatizam uma solidão positiva, ligada à volúpia da independência (ou da independência como volúpia, algo próprio de um sistema que quer e não quer autonomia) acentuada pela velocidade, bem como à possibilidade de experimentarem o que são (ou querem ser)”.

Neste sentido, a experiência de dirigir um automóvel seria também uma forma de

- a) exercer cidadania e fazer política.
- b) exercer autonomia e individualidade.
- c) experimentar solidão e incompletude.
- d) exercer liberdade e cidadania.
- e) exercer cidadania e individualidade.

8-O capítulo “Objeto de desejo” diz que a grande maioria dos motoristas aprendeu a dirigir informalmente, com algum familiar, “no carro da casa”. Segundo o autor, tal tipo de aprendizado:

- a) é benéfico porque se faz a base de paciência, leniência e tolerância – marcas das relações vigentes na casa brasileira.
- b) promove uma correção rígida por parte de parentes íntimos.
- c) impede a internalização de limites e promove a passagem de hábitos do instrutor para o aluno.
- d) é maléfico, pois aumenta o valor da carteira como um certificado de habilitação.
- e) anula o valor da carteira de motorista.

9-De acordo com o livro, a expressão “Fé em Deus e pé na tábua” só **NÃO** é justificada pela seguinte idéia:

- a) A fé em Deus justifica os riscos de se dirigir velozmente.
- b) A pressa e a velocidade legitimam o risco e inclina o motorista a infortúnios e acidentes.
- c) A maioria esmagadora dos habitantes do Brasil não acredita na sobrevivência da alma o que a torna mais protegida.
- d) Estamos protegidos dos acidentes, cujas causas são ligadas a destino, carma e mau-olhado.
- e) Há uma divindade que nos protege e que representa a totalidade do mundo e da vida aqui e no além.

10- Roberto DaMatta apresenta vários argumentos utilizados inicialmente pelos brasileiros para rejeitar o uso do cinto de segurança. Dentre as justificativas apresentadas, a que explicitamente tem raiz histórica é:

- a)O cinto é um mero componente da espoliação mercadológica.
- b)É impossível para o motorista entrar no carro e apertar o cinto.
- c)O cinto promoveria mais mortes por impedir o acidentado de sair prontamente do carro.
- d)A sensibilidade a proibições e imposições por parte do Estado.
- e)A incapacidade coletiva do brasileiro para cumprir qualquer lei.

11- Por que o autor utiliza o lema “Você sabe com quem está falando?” para explicar a visão hierárquica das pessoas no trânsito?
